

LULA, DILMA E FHC: A MENTIRA E A VERDADE NA COMUNICAÇÃO

LULA, DILMA & FHC: LIE AND TRUTH IN COMMUNICATION

Jacques Alkalai Wainberg*

RESUMO:

Este estudo visa detectar os principais marcadores retóricos de Lula, de Dilma Rousseff e de Fernando Henrique Cardoso. Através deles se almeja apontar o grau de honestidade e de falsidade de seus discursos. Para tanto, se faz uso do software Buscador Linguístico e Contador de Palavras (*Linguistic Inquiry and Word Count - LIWC*). A análise de nove discursos de cada personagem mostra em que medida cada um deles apresenta indícios retóricos suspeitos. Mostra também o papel que a emoção negativa tem no discurso político, e a usual insinceridade deste tipo de manifestação.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação, Verdade, Mentira

ABSTRACT:

This study aims to detect rhetorical markers of Lula, Dilma Rousseff and Fernando Henrique Cardoso. It also aims to point out some relevant traits of their personalities, such as the degree of honesty and falsehood of their discourses. To do so it makes use of Linguistic Inquiry and Word Count - LIWC software. Twenty-seven speeches are analyzed, nine of each one of them. It also shows the role negative emotions has in political discourse, and the insincerity of this type of manifestation.

KEYWORDS: Communication, Truth, Lie.

INTRODUÇÃO

No dia 20 de janeiro de 2016, o ex-presidente Lula declarou aos blogueiros que o entrevistavam que não havia no Brasil “viva alma mais honesta do que eu”. Diria também que duvidava que alguém fosse capaz de afirmar que ele estivesse envolvido em algo ilícito. Logo depois, a edição 2462 da *Revista Veja* faria exatamente isso. Sua manchete de capa foi “A Hora da Verdade”. Nesta reportagem, a publicação o incluiu na “máfia

* Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. jacqalwa@pucrs.br

da mentira”. Este termo faz alusão à corrupção política que envolveu o país a partir de seu primeiro governo iniciado em janeiro de 2003. Desde então, a desconfiança da população para com os políticos em geral, e para com o PT em particular, cresceu de forma significativa.

Figura 1: Manifestação em Porto Alegre. 13/03/2016. Foto do autor



O próprio Lula contribuiu para isso ao afirmar publicamente, durante reunião do diretório nacional do PT, em outubro de 2015, que parte da crise política era resultado da “mudança de discurso” do governo. Durante as eleições a presidenta prometeu algo que não cumpriu depois. Pior, estava fazendo o que afirmou que não faria¹. Estas contradições foram reunidas pelos dissidentes num vídeo que denuncia as inverdades.² Em decorrência desta desconfiança a denúncia da mentira tornou-se tema central da vida política brasileira contemporânea.³

Embora o tema da verdade e da mentira no discurso político tenha obtido maior destaque nas administrações petistas ele, na verdade, atinge igualmente outros personagens e agremiações. A inclusão de Fernando Henrique Cardoso na amostra se justifica uma vez que o ex-presidente tem servido de contraste à Lula e à Dilma Rousseff em comparações que usualmente se faz de seus governos, de seus acertos e erros e agora, também, de suas honestidades e sinceridades.

Cabe assinalar que a utilização de um software na análise de seus discursos é uma inovação aqui utilizada e que aproveita as vantagens de ser uma abordagem quantitativa e impessoal de marcadores retóricos. Eles ajudam a desvendar também a veracidade

do que é dito no discurso político. Tais verbetes são os apontados pelo Buscador Linguístico e Contador de Palavras (*Linguistic Inquiry and Word Count - LIWC*) como decisivos na prosa de qualquer pessoa. Por isso mesmo, são eles os considerados na contagem. A bibliografia aqui referida mostra a ampla utilização desse software numa variedade de estudos similares. Por fim cabe assinalar que a amostra construída escolheu discursos proferidos em momentos graves e de amplo valor simbólico.

TIPOLOGIA

Segundo Aristóteles “dizer do que é que é e do que não é que não é é dizer a verdade e dizer do que é que não é e do que não é que é é dizer algo falso”.⁴ Ou seja, uma mentira implica na falsidade da proposição e na crença do falante (DEPAULO et. al., 2003). Por isso mesmo a fisiognomonia interessou-se pelo estudo dos gestos faciais já que eles são especialmente reveladores da intenção do falante. A face, os gestos e o discurso são as interfaces naturais que as pessoas utilizam para se comunicarem umas com as outras (BREAZEAL, et al., 2003).

Com frequência os observadores prestam mais atenção às expressões físicas do ator do que ao conteúdo de suas mensagens. Assim eles tentam desmascarar suas verdadeiras emoções e intenções.⁵ Por exemplo, um movimento involuntário em torno dos olhos é o que distingue o sorriso verdadeiro de um falso. Já a tristeza verdadeira é revelada pelos músculos do queixo. E, ao contrário do que as pessoas imaginam, os mentirosos não desviam o olhar de seus interlocutores. Na verdade, eles sustentam o contato visual por mais tempo tentando, com isso, ‘vender’ sua história ao ouvinte. As pessoas também tendem a tocar o nariz e a cobrir a boca enquanto mentem. Neste caso, elas falam mais rápida ou lentamente do que é o usual, enquanto exageram nos detalhes de seus relatos. Em alguns casos o mentiroso repete nas respostas as mesmas palavras do inquiridor. Assim, ele busca ainda desviar o foco da conversação. Por vezes seu corpo sua mais que o usual.

Segundo Paul Ekman, a microexpressão que se manifesta entre 1/5 e 1/25 de segundo ocorre quando alguém tenta esconder seus sentimentos através de simulações (expressão que não é acompanhada por emoção), máscaras (quando certa expressão é substituída por uma expressão falsa) e pela neutralização (quando uma expressão é inibida) (Porter & ten Brinke, 2008; Shreve, et al.). As microexpressões fogem ao controle das pessoas, a não ser que o indivíduo seja um mentiroso patológico (*pseudologia*

phantastica).⁶ Um algoritmo baseado na obra de Paul Ekman foi desenvolvido pela *Emotient Inc., Affectiva Inc. & Averis*.⁷ Ele analisa a face das pessoas e tenta descobrir seus sentimentos. Outro exemplo ainda é o *Computer Expression Recognition Toolbox*.⁸

Ao mentirem as pessoas escondem seus sentimentos, preferências, atitudes e opiniões (DEPAULO et al., 2003). Cabe mentir, por exemplo, para salvar a própria pele, e a vida de outras pessoas. Usualmente, na negociação econômica os atores escondem o jogo, visando com isso obter vantagens. Este tipo de mentira por omissão implica sempre em silêncio.

As pessoas também mentem com frequência para evitar o constrangimento, a ofensa, e para esconder a verdade sobre suas finanças privadas. Fabrica-se histórias para encantar as crianças, como é o caso da fábula do Papai Noel. A mentira, às vezes, é aceita quando o interesse público está em jogo. Neste caso, ela é chamada de nobre. A mentira serve também aos fins da propaganda política, a mensagem que se divulga no campo inimigo com o objetivo de confundi-lo. A mentira boa é a que permite diminuir um conflito. Ela ocorre também quando se diz meias-verdades para evitar o stress, a agressão e a ofensa às normas culturais, ou morais, por exemplo. Ou seja, a mentira faz parte da vida das pessoas.

A mentira é recusada quando seu efeito social é pernicioso, em especial quando ela esconde transgressões. Seu resultado mais deletério é a corrupção. Ela se dissemina por contágio na sociedade e abala seu funcionamento. Neste caso, a repulsa popular à mentira toma corpo e anima a dissidência.

Cabe assinalar ainda que as mentiras que se sobrepõem resultam em estruturas frágeis, difíceis de serem protegidas. Por isso desmoronam mais facilmente. Em suma, é possível formular uma tipologia das mentiras. As já citadas incluem a mentira branca (*sic*) (a que visa evitar a mágoa no interlocutor); a benéfica (a que visa ajudar o interlocutor); a maliciosa (usual na guerra psicológica); a enganosa (a que oculta ou falsifica algo); a mentira patológica (como a que ocorre nas ocorrências de bipolaridade) e a de má fé (quando a pessoa mente para si). Outros tipos são a mentira escancarada (dita com empáfia), a mentira piedosa (usual na prática médica), o blefe (usual na barganha), a fabricação (usual nas teorias conspiratórias), a difamação, o exagero, a fraude e as meias-verdades.

TEXTO E PERSONALIDADE

O dito até aqui teve o objetivo de ilustrar o amplo interesse social pela descoberta da verdade e pela denúncia da mentira. Cabe agora ressaltar o fato de que, nesta tradição de investigação, deve se considerar também o conteúdo das mensagens, e a maneira de como se diz algo (o estilo). Isso explica a popularidade de métodos tradicionais de investigação dos textos, como são os casos da análise de discurso, da análise de conteúdo e da análise psicanalítica (ANDRADE, 1998; GASPARD, et al. 2010; KOCIUNAS, 2009).⁹

O ativismo retórico tem feito uso destes instrumentos para afrontar a prosa de senso comum, e assim protestar contra a injustiça percebida pelo militante como intolerável. Este tipo de crítica é a primeira fase de todo e qualquer movimento rebelde, pois advoga não só um novo vocabulário, como também uma mudança social relevante. Expressa, portanto, o desejo do analista de discurso em expor as contradições do falante, suas falácias, o viés de seu léxico e as implicações morais e políticas de sua fala.

O fato é que não é fácil mentir (WILLIAMS et al, 2013). Isso envolve um pesado processo cognitivo cujas etapas são conhecer a verdade, inventar uma falsidade plausível, não esquecer a história fabricada, quebrar as regras de decoro, optar por um estilo e disfarçar retórico e cênico e sustentar depois a inverdade para que ela não seja contraditada e assim detectada. O Efeito Pinóquio diz respeito à tendência dos mentirosos de falarem mais do que o necessário. Desta forma eles tentam aumentar a probabilidade de sua mentira ser aceita pelos interlocutores (VAN SWOL, et. al., 2014). Em sua prosa os mentirosos geralmente são vagos (BURGOON et al. 1996; SERRA-GARCIA, et. al 2011). Eles oferecem menos detalhes que o necessário à compreensão do dito, pois temem deixar pistas e serem descobertos (PEREIRA et al., 2006). Às vezes oferecem detalhes que não podem ser verificados (NAHARI, et. al., 2014).

Muito embora menos de 5% das palavras utilizadas pelas pessoas possam ser classificadas como emocionais, os mentirosos utilizam com maior frequência palavras que expressam emoções negativas. Eles utilizam também poucos marcadores retóricos que mostram complexidade cognitiva. Indicadores de um pensamento complexo são as conjunções, as preposições (elas informam que o falante está oferecendo informação concreta), os mecanismos cognitivos (são os casos das palavras causais tais como ‘porque’, ‘com efeito’ e ‘portanto’), os termos que refletem *insights* (como ‘penso’, ‘sei’, ‘considero’)

e as palavras extensas com mais de seis letras (GRESSER, McNAMARA, LOUWERSE & CAI, 2004; TAUSCZIK e PANNEBAKER 2010). O mentiroso utiliza ainda verbos de movimento e palavras excludentes (NEWMAN & PENNEBAKER, 2003; KNAPP et al., 1974). Eles também fazem mais uso da terceira pessoa, visando com isso se distanciar da sua própria inverdade (BURGOON, et al., 1996; PENNEBAKER, 2011).

A maior agitação do mentiroso se manifesta na dilatação de sua pupila, no piscar insistente dos olhos, e no seu esforço para controlar o comportamento visando, com isso, evitar trair a própria história fabricada (ZUKERMAN et. al, 1981). Sua prosa parece ser ensaiada. Ela apresenta pausas, erros e discurso indireto (EKMAN, 1985; 1992). O mentiroso também monitora intensamente as reações dos interlocutores (BULLER & BURHOON, 1996; ZUKERMAN et al., 1981).

Ocorre que o estado de espírito do falante acaba aflorando à superfície através da maneira através da qual ele se expressa. Como o uso e a escolha das palavras são estáveis numa pessoa, elas servem também para documentar suas personalidades (MEHL & PENNEBAKER, 2003; PENNEBAKER & KING, 1999; HIRSCH & PETERSON, 2009; PENNEBAKER, J. W., MEHL, M. R. & NIEDERHOFFER, K. G, 2003). PENNEBAKER & KING (1999) denominaram o estilo pessoal de expressão de ‘impressão digital linguística’.¹⁰

Esse interesse em capturar a linguagem natural e relacioná-la à personalidade do falante é antigo. Tais estudos deram origem ao que hoje se denomina ‘psicologia ecológica’ (BARKER, 1968). Destaca-se nesta tradição o projeto *One Boy’s Day* realizado por BARKER & WRIGHT (1951) e o *Lived Day Analysis* (CRAIK, 1994, 2000).

ESTUDO

Este estudo visa detectar os principais marcadores retóricos de Lula, de Dilma Rousseff e de Fernando Henrique Cardoso, e através deles apontar alguns traços relevantes de suas personalidades, entre eles o grau de honestidade e de falsidade de seus discursos (VAN SWOL et al. 2013).

O software Buscador Linguístico e Contador de Palavras (*Linguistic Inquiry and Word Count - LIWC*) é uma contribuição à tradição de investigação (PENNEBAKER, et al. 2001) computadorizada dos textos. O LWIC permite calcular a percentagem de cada uma das categorias nas quais cada uma das palavras de um determinado pronunciamento

se enquadra. Sua última versão apresenta mais de 90 categorias. Este software também tem sido utilizado para detectar os marcadores estratégicos utilizados pelo falante para minimizar a detecção de suas inverdades (VAN SWOL & BRAUN, 2013). Por ser algo mecânico, ele evita o viés interpretativo e subjetivo do analista. O LIWC revela também no que o falante está prestando atenção, ou seja, suas prioridades, intenções e pensamentos, e como ele está processando uma situação.

Em suma, neste tipo de análise destacam-se as palavras que transmitem o conteúdo da mensagem, ou seja, o que as pessoas estão dizendo (substantivos, verbos regulares, adjetivos e advérbios), e as palavras relacionadas ao estilo do discurso, ou seja, como as pessoas estão dizendo algo (pronomes, preposições, artigos, conjunções, verbos auxiliares, por exemplo). No vocabulário de 100 mil palavras em inglês que compõem o dicionário do LIWC, somente 500 (0,05%) referem-se ao estilo. No entanto, salientam TAUSCZIK e PENNEBAKER (2010), elas constituem 55% de todas as palavras que falamos, ouvimos e lemos. Segundo estes autores, as informações referentes ao estilo discursivo são algo “crítico para se entender o estado mental de uma pessoa”.

Cabe ressaltar que o LIWC não foi concebido especificamente para detectar a mentira. Ocorre que este software acabou sendo utilizado para este fim, à semelhança de outros programas e algoritmos criados para isso. É o caso, por exemplo, do *Agent99Analyzer* (FULLER, BIROS, BURGOON, ADKINS, & TWITCHELL, 2006)¹¹ e do *General Architecture for Text Engineering* (GATE)¹² (CUNNINGHAM, 2002). Tais programas revelam o desejo dos pesquisadores de encontrar um meio eficiente e rápido para, inserindo um texto numa máquina, revelar a mentira, e assim denunciar o mentiroso. A meta-análise realizada por HAUCH et al. (2015) mostra que tal esforço, que hoje reúne uma larga literatura, revelou que estes programas são capazes de revelar somente alguns indícios deste tipo de comportamento.

O LIWC é capaz de detectar o Pensamento Analítico (PAn). Para isso captura as palavras que sugerem padrões de pensamento formal, lógico e hierárquico. Pessoas com índices baixos de PAn tendem a escrever e a pensar utilizando uma linguagem mais narrativa, focada no aqui e agora, descrevendo experiências pessoais. Já o Poder de Influência (PIn) indica um falante que é seguro, confiante e que exibe liderança. O seu Grau de Autenticidade (GA) indica em que medida o falante se revela de maneira honesta.

Por fim o Tom Emocional (TE_m) de um discurso inclui as emoções positivas e as negativas evocadas na fala. Um número abaixo de 50 indica um tom emocional mais negativo.

Algumas das mais de 90 categorias do LIWC são autorreferência (pessoas que possuem um alto índice de autorreferência tendem a ser mais inseguras, nervosas, e possivelmente são mais deprimidas). Elas tendem também a ser mais honestas. Termos sociais (como por exemplo, eles, ela, nós, amigos) são referências a outras pessoas que revelam um falante mais conectado com seus parceiros. Termos que expressam emoção positiva (felicidade, amor, bom) revelam um falante mais otimista. A emoção negativa é expressa por palavras como tristeza, matar, medo. Termos como ‘pensando’, ‘gostaria de saber’, ‘porque’ e ‘conhecimento’ expressam processos cognitivos, e revelam em que medida a pessoa está ativamente pensando sobre um assunto. Já a utilização dos artigos revela pensamento mais concreto e impessoal, e as palavras extensas revelam falantes menos emocionais.

Este estudo examina nove discursos de cada um dos personagens. Ele leva em conta também a evidência de que podemos aprender muito sobre os pensamentos, as emoções e os motivos que subjazem ao discurso de uma pessoa contando e categorizando as palavras que ela comunica (TAUSCZIK & PENNEBAKER, 2010). O LIWC é útil, em especial, para capturar as nuances do que é dito por atores que enfrentam situações graves, as que exigem delas um posicionamento público (PENNEBAKER & LAY 2002). O sumário dos resultados de PAn, PIn, GA e Tem deste tipo de análise apresenta as contagens convertidas numa escala de zero a 100, sendo zero um resultado muito baixo e 100 o mais alto possível. Cabe salientar por fim que no exame de um texto, o LIWC desconsidera o contexto da enunciação, a ironia, o sarcasmo, as expressões idiomáticas, os múltiplos significados de uma mesma palavra e as nuances prosódicas.

ANÁLISE E RESULTADOS

Tabela 2: Análise dos Discursos de Lula

	Eu/Mim/ Meu Em %	Palavras pró-sociais Em %	Emoções positivas Em %	Emoções negativas Em %	Palavras que indicam processamento cognitivo Em %	PAn 0 a 100	Pln 0 a 100	GA 0 a 100	TEm 0 a 100
Ll 1	1.2	9.3	4.5	1.3	9.3	90.4	79.6	20.9	82.2
Ll 2	2.7	8.6	4.3	1.2	19.8	86.7	67.6	34.1	81.1
Ll 3	1.3	11.6	3.7	1.6	9.9	83.9	82.7	30.0	65.9
Ll 4	2,1	13,0	1,1	2,1	11,9	62,2	89,0	30,2	12,0
Ll 5	3,8	14,4	2,6	2,0	11,8	63,7	79,4	34,3	35,0
Ll 6	5.5	11.8	2.4	2.1	11.8	39.2	53.9	43.2	31.3
Ll 7	2.0	8.8	3.9	2.1	9.5	85.3	75.8	25.6	60.8
Ll 8	3.1	7.8	2.8	0.7	11.7	84.8	66.2	48.2	65.4
Ll 9	0.0	13.8	4.1	2.4	11.2	84.7	90.0	20.5	57.8
Média para o discurso de Lula	2.41	11,0	3.26	1.72	11.9	75.6	76.0	31.9	54.6
Média geral para o discurso profissional	2.59	9.42	3.91	0.60	10.05	78.94	73.25	37.72	74.45
Média geral para o discurso pessoal	8.70	8,69	2,57	2,12	12,52	44,88	37,02	76,01	38,60

Ll - Posse de Lula em 2003

Ll2- Posse de Lula em 2007

Ll3- Celebração dos 35 anos do PT - 02/2005

Ll4- Lula fala ao ser libertado pela Polícia Federal em 03/2016

Ll5- Lula fala em manifestação na Avenida Paulista 18/03/2016

Ll6- Lula fala em Campo Grande em 24/08/2010

Ll7- Lula anuncia sua candidatura à reeleição em 06/2006

Ll8- Lula fala ao Foro de São Paulo

Ll9- Lula fala na Primeira Convenção Nacional do Partido dos Trabalhadores em 21 de junho de 2014

Tabela 3: Análise dos Discursos de Dilma Rousseff

	Eu/ Mim/ Meu Em %	Palavras pró- sociais Em %	Emoções positivas Em %	Emoções negativas Em %	Palavras que indicam processamento cognitivo Em %	PAn 0 a 100	PIn 0 a 100	GA 0 a 100	TEm 0 a 100
DI 1	2.2	8.9	5.3	1.1	8.1	93.5	76.8	25.9	93.1
DI 2	2.2	8.4	4.1	1.3	9.3	89.6	74.6	30.6	76.6
DI 3	1,0	10,2	4,1	1,9	11,5	77,5	84,8	40,7	66,8
DI 4	0.0	5.2	5.2	2.6	8.3	86.3	62.3	65.8	74.3
DI 5	6.0	7.3	3.2	0.0	13.8	94.8	32.3	65.5	83.0
DI 6	1,5	6,9	1,5	3,2	12,4	76,5	47,0	17,3	6,5
DI 7	2.8	9.6	4.4	2.1	11.4	79.8	68.2	21.8	70.3
DI 8	2.7	9.7	4.5	1.5	8.9	85.6	74.1	11.5	80.6
DI 9	4.8	8.1	5.3	0.8	10.4	89.8	62.2	47.6	94.7
Média para o discurso de Dilma	2.58	8.26	4.18	1.6	10.5	85.9	64.7	36.3	72.1
Média geral para o discurso profissional		9.42	3.91	0.60	10.05	78.94	73.25	37.72	74.45
Média geral para o discurso pessoal	8.70	8,69	2,57	2,12	12,52	44,88	37,02	76,01	38,60

DI1- Posse de Dilma em 2011

DI2- Posse de Dilma em 2015

DI3- Dia Internacional da Mulher em 08/03/2015

DI4- Discurso em Rede Nacional em 23/01/2013

DI5- Dilma fala sobre o impeachment em 02/12/2015

DI6- Dilma fala em ato de solidariedade ao seu mandato em 22/03/2016

DI7- Discurso de posse dos novos ministros em 17/03/2016

DI8- Discurso de Dilma na posse de Lula como ministro de seu governo em 17/03/2016

DI9- Discurso da vitória em 2014

Tabela 4: Análise dos Discursos de Fernando Henrique Cardoso

	Eu/ Mim/ Meu Em %	Palavras pró- sociais Em %	Emoções positivas Em %	Emoções negativas Em %	Palavras que indicam processamento cognitivo Em %	PAn 0 a 100	Pln 0 a 100	GA 0 a 100	TEm 0 a 100
FHC1	3,6	9,0	2,9	1,5	13,0	54,7	54,3	45,4	51,2
FHC2	1.8	8,9	4,0	1,6	9,9	91,5	72,8	31,7	71,8
FHC3	2.2	8.4	4.1	1.3	9.3	89.6	74.5	31.4	55.6
FHC4	4,4	7,2	3,7	1,7	14,2	48.0	37.2	38.0	64.2
FHC5	1.1	8.4	3.6	1.6	12.8	69.1	48.1	13.2	64.7
FHC6	2.1	7.7	3.4	1.4	10.4	92.2	58.9	24.6	63.1
FHC7	7,9	11.2	2.6	5.0	9.7	82.0	62.5	69.8	3.1
FHC8	0.9	3.6	1.2	1.8	8.4	98.8	53.6	48.6	17.1
FHC9	0.0	6.1	1.5	4.7	13.6	95.2	62.6	18.4	1.3
Média para o discurso de FHC	2.7	7.8	3.0	2.29	11.3	80.1	58.3	35.7	43.6
Média geral para o discurso profissional	2.59	9.42	3.91	0.60	10.05	78.94	73.25	37.72	74.45
Média geral para o discurso pessoal	8.70	8,69	2,57	2,12	12,52	44,88	37,02	76,01	38,60

FHC1- Comemoração de 20 anos do Plano Real - 25/02/2014

FHC2- Discurso de Posse do Primeiro mandato. 1995

FHC3- Discurso de Posse no Segundo mandato - 1999

FHC4- Entrevista coletiva em 29/10/2002

FHC5- Entrevista em 10/03/2015

FHC6- Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. 11/09/2013

FHC7- Discurso na convenção do PSDB- 06/07/2015

FHC8- Discurso no Senado. 14/12/1994

FHC9- Artigo publicado no jornal australiano - The Age 27/12/2010

1. Os marcadores retóricos analisados mostram que os discursos de Dilma Rousseff, de Lula e de FHC se enquadram na categoria profissional. Espera-se que um ator político realize um cálculo de custo e benefício em suas aparições públicas. Um ator profissional, entre eles o personagem político, não se manifesta de forma coloquial, algo comum nas interações interpessoais espontâneas. Por isso mesmo, este tipo de comunicação também difere de outras formas de interação, como a comercial, por email, científica, facebook, etc. Ou seja, o que está em jogo nas encenações dramáticas da política é a 'persona'. Tal circunstância enquadra e define o seu estilo retórico. Através dele, o ator almeja produzir na audiência um efeito persuasivo.

2. No entanto, observa-se nas evidências apresentadas que há significativo desvio do padrão profissional na frequência das emoções negativas da prosa destes atores políticos. Este fato permite realçar a importância das emoções negativas para o discurso político. Todos os três atores superam o padrão médio para os vocábulos negativos (0,60%), muito embora seja FHC o que apresente neste quesito o marcador mais negativo. A latitude de variação no caso de Lula é de 1,7 pontos e no caso de Dilma é de 3.2 pontos. FHC é o que revela uma instabilidade maior no seu humor (variação de 3,6 pontos). Já o TEm indica que a retórica de Dilma é a mais otimista de todos (72,1 pontos numa escala de zero a 100), sendo a prosa de FHC a mais pessimista (43.6 nesta escala). Lula ocupa uma posição intermediária, embora positiva (54,6). Lula tem uma média de 3.26% de vocábulos otimistas. Dilma tem 4,18%, enquanto FHC é o mais ácido, com somente 3.0 % de vocábulos otimistas. Ou seja, Lula fica aquém da média profissional otimista (3,91%), e Dilma o supera. FHC fica aquém e é o mais distante deste parâmetro. Além disso, o indicador do estilo emocional da prosa de Lula (TEm de 54.6) está bem aquém da média geral do discurso profissional (74,45).

3. O exame da dimensão emocional (TEm) do estilo dos atores mostra que o discurso político varia dependendo da circunstância em que ele está inserido. Assim, por exemplo, o discurso mais pessimista de Lula foi o quarto, e o mais otimista foi o segundo. Isso também é facilmente observável nos discursos de Dilma. Seu grau de desespero no discurso seis, e seu otimismo expresso no discurso um, refletem esta variação. FHC está otimista no discurso 2, e extremamente pessimista no discurso 9. Cabe assinalar, no entanto, que a retórica de Lula é, de acordo com esta amostra, o mais construtivo dos três. FHC é, outra vez, o que revela maior desagrado.

4. É possível observar que, em geral, um ator político é menos autêntico que uma pessoa envolvida num diálogo espontâneo. Isso pode ser consequência da intervenção dos *ghost writers* que pesam o efeito político de cada vocábulo enunciado pelo ator em seus discursos, e de cálculo similar que este personagem realiza de forma autônoma em suas intervenções públicas (entrevistas à imprensa, por exemplo). Lula, Dilma e FHC (31,9, 36,3 e 35,2 respectivamente) têm um resultado abaixo da média profissional (37,72), e muito aquém do que é comum na fala de tom pessoal (76,01). Percebe-se que FHC parece ser mais honesto que Lula, ficando seu desempenho muito próximo de Dilma. Graus elevados de autorreferência mostram maior grau de autenticidade do discurso. Neste quesito, Dilma e Lula estão próximos do padrão, mas ambos não superam FHC. Certos discursos se destacam por indicarem graus elevados de insinceridade (LI9, DL4, DI3 e FHC9).

5. O exame retórico mostra que Lula é um líder mais estável e vigoroso que Dilma. Esta é outra conclusão que não contradiz o senso comum atual no Brasil. O ex-presidente supera a média profissional PIn, e Dilma fica aquém. FHC é o que parece exercer menor influência na opinião pública. Embora este indicador também varie com as circunstâncias, observa-se que a latitude de Lula é menor que a de Dilma (36,1 pontos contra 52,5 pontos de Dilma). FHC tem uma latitude PIn de 37,3 pontos.

6. A retórica de Dilma é mais estável, é mais racional e menos popular do que a de Lula e de FHC. O Pensamento Analítico (ou PAn) de Lula (75,6) está próximo embora aquém do padrão para o discurso profissional (78,94), enquanto Dilma e FHC o superam (85,9 e 80,1, respectivamente). Neste quesito os dados mostram maior estabilidade retórica de Dilma (latitude de somente 14 pontos), enquanto Lula é bem mais instável (latitude de 51,2 pontos). A latitude de FHC é de 47,2 pontos. Ou seja, os discursos de Lula e de FHC mudam bastante dependendo da circunstância. Em geral, líderes políticos devem apresentar um marcador alto neste quesito, algo que ocorre com todos os discursos célebres analisados.

7. A complexidade cognitiva dos discursos de Lula, de Dilma e de FHC não é elevada, e praticamente se equivalem ficando próximos do padrão profissional. Os discursos de Dilma e de FHC são mais estáveis neste quesito (latitude de 5,7 e de 5,8 pontos respectivamente) do que os de Lula (latitude de 10,5 pontos).

DISCUSSÃO

A realidade política brasileira do Brasil em 2016 tornou o tema da mentira e da verdade na comunicação um tópico relevante de pesquisa. Como visto, ele não é novo e o interesse público em monitorar a sinceridade e a autenticidade das manifestações dos atores políticos tem motivado os estudiosos a utilizarem variados métodos de investigação. A fisiognomia e a análise de discurso são duas maneiras utilizadas para isso. Este estudo apresentou a primeira como ilustração e aplicou a segunda. Para isso fez uso do software LIWC que já há algum tempo está sendo utilizado para revelar através deste meio os traços de personalidade dos falantes. Sua premissa é a de que o discurso, por ser relativamente estável, é instrumento útil para isso.

Os dados coletados mostram que o discurso político está marcado pelas emoções, em especial as negativas. Eles revelam também que, em geral, as manifestações públicas dos atores políticos são insinceras. Elas mudam de tom e sabor dependendo das circunstâncias, e podem até mesmo apelar à mentira, pura e simples. A literatura revisada aponta pelo menos três marcadores retóricos que denunciam o mentiroso: sua prosa é mais negativa que o usual, e é menos complexa que o padrão médio do discurso profissional. Ele também utiliza com mais frequência a terceira pessoa. Aplicando estes ensinamentos percebe-se que FHC torna-se suspeito por apresentar o discurso mais

negativo dos três, e por utilizar com mais frequência a terceira pessoa; Dilma torna-se suspeita por apresentar o discurso menos complexo dos três, e Lula torna-se suspeito por ser o personagem que apresenta o mais baixo Grau de Autenticidade.

REFERÊNCIAS

ADELSON, Rachel. Detecting Deception. American Psychological Association. Julho/Agosto 2004, v.35, n.7.

ANDRADE, Suad Haddad de. A violência da mentira. Revista Brasileira de Psicanálise. 32(4): 921-9, 1998.

BARKER, R. G. Ecological Psychology: Concepts and methods for studying the environment of human behavior. Stanford, CA: Stanford University Press, 1968.

BARNES, J. A. A pack of lies. Towards a sociology of lies. Cambridge University Press. 1994.

BOLER, Megan. The Transmission of Political Critique after 9/11: A New Form of Desesperation? Media Culture. V.9, n.1, Março de 2006.

BOLER, Megan & TURPIN, Stephen. Ironic Citizenship, or Coping with Complicity in Spectacular Society. New Network Culture Theory Conference, Amsterdam, Junho de 2007.

BORGGREEN, Gunhild. Staging lies: Performativity in the Human-Robot Theatre play I, Worker. In: Norskov(2016), pp. 139-154.

BREAZEL, C., BROOKS, A., GRAY, J., HANCHER M., McBREAN J., STIEHL, D., STRICKON J. Interactive Robot Theatre. <http://cacm.acm.org/magazines/2003/7/6792-interactive-robot-theatre/fulltext> .

BURGOON J. K., BULLER D. B., FLOYD K, GRANDPRE J. Deceptive realities: sender, receiver, and observer perspectives in deceptive conversations. Communication Research 23: 724-748, 1996.

BULLER, D. B. & BURGOON, J. K. Interpersonal deception theory. Communication Theory 3,203-242.

CHUNG, Cindy & PENNEBAKER, James. The Psychological Functions of Function Words. In: FIEDLER, K. Social Communication. pp. 343-359. New York: Psychology Press, 2007.

CRAIK, K. H. Manifestations of individual differences in personality within everyday environments, In: BARTUSSEK, D. & AMELANG, M. (eds). Advances in differential psychology and psychological assessment: Festschrift on the occasion of the 60th birthday of Professor Dr. Kurt Pawlik. Göttingen, Germany: Hogrefe. 1994, pp.19-25.

CRAIK, K. H. The lived day of an individual: A person-environment perspective. In: WALSH, W. B.; CRAIK, K. H. & PRICE, R. H. (Eds). Person-environment psychology: New directions and perspectives, Mahwah, NJ: Erlbaum, 2000, pp. 233-266.

- CUNNINGHAM, H. GATE, a General Architecture for Text. *Engineering Computers and the Humanities*, 36, 223-254, 2002.
- DePAULO, B. M.; LINDSAY, J. J.; MALONE, B. E.; MUHLENBRUCK L.; CHARLTON, K.; COOPER H. Cues to deception. *Psychological Bulletin*. v.129, n.1, pp. 74-118. American Psychological Association. 2003.
- DIKEM C. C.; BARANOSKI M.; GRIFFITH E. E. H. Pathological Lying Revisited. *Journal of the American Academy of Psychiatry and the Law Online*. 33:3:342-349, setembro de 2005.
- EKMAN, P. *Telling lies*. New York: Norton, 1992.
- EKMAN, P.; FRISEN, W. V. & SIMONS, R. C. Is the startle reaction an emotion? *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 1416-1426, 1985.
- EKMAN, Paul & ROSENBERG, Erika L. *What the Face Reveals*. Oxford University Press, 2005.
- EKMAN, Paul & FRIESEN, Wallace. Constants across cultures in the face and emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*. V 17, n.2, 124-129, 1971.
- EKMAN, P. Strong evidence for universals in facial expressions: a reply to Russel's mistaken critique. *Psychological Bulletin*, v. 115, n.2, pp. 268-287, março de 1994.
- FALK, Erika. Jewish Laws of Speech: Toward Multicultural Rhetoric. *The Howard Journal of Communication*, 10:15-28, 1999 <http://rclhistorys15.pbworks.com/w/file/fetch/91566363/Jewish%20Laws%20of%20Speech.pdf>
- FULLER, C.M.; BIROS, D. P.; BURGOON, J. K.; ADKINS, M., TWITCHELL, D. P. An analysis of text-based deception detection tools. In: *Proceedings of the 12th Americas Conference on Information Systems*, Acapulco, Mexico: 2006 pp.3465-3472.
- GASPARD, Jean-Luc et al. Psicanálise e análise de discurso: elementos para uma investigação clínica futura. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, v.2, n.2, 2010.
- GLASS, Lillian. *The Body Language of Liars: From Little White Lies to Pathological Deception - How to See through the Fibs, Frauds, and Falsehoods People Tell You Every Day*. Carrer Press. Outubro de 2013.
- GRAESSER, A. C., McNAMARA, D. S., OUWERSE, M. M. & CAI, Z. Coh-matrix: analysis of text on cohesion and language. *Behavior Research Methods, Instruments & Computers*. 36, 193-202, 2004.
- HANLY, Elisabeth. *Listening to Koko*. Commonweal. 18 de Junho, 2004.
- HART, R.P. Redeveloping DICTION: theoretical considerations. In: West M. D. *Theory, Method, and Practice in Computer Content Analysis*. New York: Ablex, pp. 43-60, 2001.

HAUCH, Valerie; BLANDÓN-GITLIN, Iris; MASIP, Jaume; SPORE, Siegfried L. Are Computers Effective Lie Detectors? A Meta-Analysis of Linguistic Cues to Deception. *Personality and Social Psychology Review*, v.19, n.4, pp. 307-342, Novembro de 2015.

HEIDEGGER, Martin. On the essence of truth, 1943. <http://aphelis.net/wp-content/uploads/2011/02/Martin-Heidegger-On-the-Essence-of-Truth.pdf>

HIRSCH, J. B., PETERSON, J. B. Personality and language use in self-narratives. *Journal of Research in Personality*. 43. Pp. 524-527, 2009.

IZARD, C. E. Innate and universal facial expressions: evidence from developmental and cross-cultural Research, *Psychological Bulletin*, v. 115, n.2, pp. 288-299, Março de 1994.

JENSEN, J. V. Bridging the Millennia: truth and trust in human communication. *World Communication*; v. 30 n. 2, p68, 2001.

KNAPP M. L., COMADENA M. A. Telling it like isn't: a review of theory and research on deceptive communications. *Human Communication Research* 5: 270-285, 1979.

KOCIUNAS, Rimantas. Truth and Psychotherapy. *Existential Analysis*, 20.2: Julho de 2009.

MASIP, J. & CES, C. Guilty and innocent suspects self-reported strategies during and imagined police interview. The 4th International Congress on Psychology and Law, Miami, Florida, 2011.

MEHL, M. R., GOSLING, S. D. & PENNEBAKER, J. W. Personality in its natural habitat: Manifestations and implicit folk theories of personality in daily life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90, 862-877.

NAHARI, Galit; VRIJ, Aldert & FISHER, Ronald P. The variability approach: countermeasures facilitate its ability to discriminate between truths and lies. *Applied Cognitive Psychology*. 27, 122-128, 2014.

NAHARI, G.; VRIJ, A. & FISHER, R. P. Does the truth come out in the writing? Scan as a lie detection tool. *Law and Human Behavior*, 36, 68-76, 2012.

NEWMAN, M. L.: PENNEBAKER, J. W., BERRY D. S., RICHARDS, J. M. Lying words: predicting deception from linguistic styles. *Pers Soc Psychol Bull* 29:665-675, 2003.

NORSKY, Marco. *Social Robots*. Ashgate. 2016.

PARROT, W. G. *Emotions in Social Psychology*, Psychology Press, Philadelphia, Outubro 2000.

PENNEBAKER, J. W.; FRANCIS, M. E, BOOTH, R. J. *Linguistic Inquiry and Word Count (LIWC): LIWC 2001*. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2001.

PENNEBAKER, J. W.; CHUNG, C. K.; FRAZEE J., LAVERGNE, G. M., BEAVER, D. I. When Small Words Foretell Academic Success: The Case of College Admissions Essay', *PLOS ONE* 9(12): 2014.

- PENNEBAKER, J. W. *The secret life of pronouns: what our words say about us*. Bloomsbury Press, Nova York, 2011.
- PENNEBAKER, J. W. & KING, L. A. Linguistic styles: language use as an individual difference. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 1296-1312, 1999.
- PENNEBAKER, J. W.; MEHL, M. R. & NIEDERHOFFER, K. G. Psychological aspects of natural language use: Our words, our selves. *Annual Reviews in Psychology*, 54, 547-577. 2003.
- PENNEBAKER, J. W.; LAY, T. C. Language use and personality during crisis: analyses of Mayor Rudolph Giuliani's press conferences. *J. Res. Personal.* 36:271-82, 2002.
- PEREIRA, Marcos Emanuel; BRASILEIRO, Roberta; SILVA, Joice Ferreira da; SILVA, Bacellar e SILVA, Paula; ALBUQUERQUE, Flora; BRACHI, Daniela. Estereótipos, mentiras e videotape: estudos experimentais sobre a acurácia na identificação da mentira. *Psicologia em Estudo, Maringá*.v.11, n.1, p.209-218, jan-abr. 2006.
- PORTER, Stephen & ten BRINKE, Leanne. Reading between the lies. *Psychological Science*. V. 19, n. 5.
- SERRA-GARCIA, Marta; van DAMME, Eric & POTTERS, Jan. Hiding an inconvenient truth: lies and vagueness. *Games and Economic Behavior*, 73, p. 244-261, 2011.
- SHREVE, Matthew; GODAVARTHY, Sridar; GOLDFOG, Dmitry & SARKAR, Sudeep. Macro and Micro-Expression Spotting in Long Videos Using Spatio-temporal Strain. https://www.researchgate.net/publication/224110494_Towards_macro-_and_micro-expression_spotting_in_video_using_strain_patterns.
- SOWARDS, S. K., RENEGAR, V. R. Reconceptualizing Rhetorical Activism in Contemporary Feminist Contexts. *The Howard Journal of Communications*, v.17, n.1, pp. 55-74, 2006
- STREET, Chris N. H. & RICHARDSON, Daniel C. Lies, Damn lies, and expectations: how base rates inform lie-truth judgments. *Applied Cognitive Psychology*, 29:149-155. 2015.
- STONE, P. J.; DUNPHY, D. C.; SMITH, M. S., OGILVIE, D. M. *The General Inquirer: A Computer Approach to Content Analysis*. Cambridge, MA: MIT Press, 1966.
- TAUSCZIK, Yla R. & PENNEBAKER, James W. The Psychological meaning of Words: LIWC and Computerized Text Analysis Methods. *Journal of Language and Social Psychology*. 29(1) 24-54, 2010.
- Van SWOL, L. M. & BRAUN, Michael T. Communicating deception: differences in language use, justifications, and questions for lies, omissions, and truths. *Group Decision and Negotiations* (2014) 23:1343-1367.
- Van Swol L. M., Braun MT, Kolb MR. 'Deception, detection, demeanor and truth bias in face-to-face and computer-mediated communication.' *Communication Research*. XX(X) 1-27, 2013.

WILLIAMS, Emma, J.; BOTT, Lewis A.; PATRICK, John & LEWIS, Michael B. Telling lies: the irrepressible truth? PLOS One. v.8, n.4, Abril de 2013.

YOUKI, Masaki; MADDUX, William W.; MASUDA, Takahiko. Are the windows to the soul the same in the East and West? Cultural differences in using the eyes and mouth as cues to recognize emotions in Japan and the United States. Journal of Experimental Social Psychology. V. 43, p;303- 311, 2006.

ZUCKERMAN, M.; DePAULO, B. M., & ROSENTHAL, R. Verbal and nonverbal communication of deception. In: BERKOWITZ, L. (ed), Advances in experimental social psychology. V. 14, pp. 1-59. New York: Academic Press.

NOTAS

1. *Lula admite que PT e Dilma mentiram na campanha*: <https://www.youtube.com/watch?v=TJm0vsAVV5c>
2. *Vídeo reúne mentiras de Dilma na campanha eleitoral de 2014*: <https://www.youtube.com/watch?v=bHSfPe2W6pA>
3. *O site aos fatos.org visa exatamente isso.*
4. *Categories (12b11, 14b14)*
5. *O verdadeiro sorriso de alegria é conhecido por Sorriso de Duchenne. Ver http://www.superinteressante.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=2597:o-poder-do-sorriso&catid=24:artigos&Itemid=104*
6. *Mentira patológica*: <http://www.psychiatrytimes.com/articles/pathological-lying-symptom-or-disease> // <http://www.jaapl.org/content/33/3/342.long>
7. *Tecnologia que desvende a mentira*: <http://www.wsj.com/articles/startups-see-your-face-unmask-your-emotions-1422472398> ; <http://graphics.wsj.com/data-mining-of-emotions/>
8. *Uma demonstração de sua operação pode ser vista em www.youtube.com/watch?v=tSlftwUYaDw.*
9. *Ver, por exemplo, Jean-Luc Gaspard et al. 'Psicanálise e análise de discurso: elementos para uma investigação clínica futura.' A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia. v.2, n.2, 2010. Ver também Truth and Psychotherapy (Kociunas, 2009).*
10. *Ver <http://homepage.psy.utexas.edu/homepage/faculty/Pennebaker/Reprints/index.htm>*
11. <http://www.mindlab.org/cgi-bin/projects.pl?id=32>
12. <https://gate.ac.uk/overview.html>

Artigo recebido em: 13 de abril de 2016

Artigo aceito em: 13 de julho de 2016